

ENTRE SABERES E FAZERES: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NOS ANOS INICIAIS

Jéssica Andressa Nottar Arcari¹

Riteli Anese²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o papel do estágio supervisionado na formação docente, destacando vivências e práticas pedagógicas que favorecem a aprendizagem significativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Durante esse período, o licenciando teve a oportunidade de atuar como observador e também como participante do processo de ensino-aprendizagem, vivenciando o cotidiano escolar e se aproximando da realidade da sala de aula. A partir dessas experiências, foi possível perceber como a articulação entre teoria e prática contribui para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais crítica, inclusiva e transformadora. Com base em autores como Vygotsky, Freire e Perrenoud, o estudo reforça a importância da interação social, da linguagem e da experiência concreta na formação do professor. Durante o estágio, o futuro docente pôde planejar atividades, observar diferentes formas de ensinar, e experimentar estratégias de mediação que respeitam os ritmos e as singularidades de cada aluno. Essas vivências permitiram compreender melhor o papel da escola na sociedade e a responsabilidade do professor como agente formador. Assim, o estágio supervisionado se mostrou um espaço essencial para o desenvolvimento de competências fundamentais à docência nos anos iniciais.

Palavras-chave: anos iniciais; estágio supervisionado; alfabetização e letramento; mediação pedagógica; formação docente.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the role of supervised internship in teacher education, highlighting experiences and pedagogical practices that promote meaningful learning in the early years of Elementary School. During this period, the student-teacher had the opportunity to act both as an observer and as a participant in the teaching-learning process, experiencing the school routine and getting closer to the reality of the classroom. From these experiences, it was possible to understand how the connection between theory and practice contributes to knowledge construction and the development of a more critical, inclusive, and transformative pedagogical approach. Based on authors such as Vygotsky, Freire, and Perrenoud, the study emphasizes the importance of social interaction, language, and concrete experience in teacher training. Throughout the internship, the future teacher was able to plan activities, observe different teaching styles, and experiment with mediation strategies that respect each student's pace and uniqueness. These experiences allowed for a deeper understanding of the school's role in society and the teacher's responsibility as a formative agent. Thus, the supervised internship proved to be an essential space for developing key competencies for teaching in the early years.

Keywords: early years; supervised internship; literacy and language development; pedagogical mediation; teacher education.

1 INTRODUÇÃO

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia. Projeto de Estágio da Educação Infantil no Centro Universitário Fai Faculdades-UCEFF. E-mail jessicaarcari2@gmail.com

² Professora do Curso de Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário FAI - UCEFF. Mestre em Educação. E-mail: ritieli.anese@uceff.edu.br

A formação de professores no Brasil tem passado por profundas transformações, exigindo dos cursos de licenciatura uma abordagem que articule, de forma efetiva, os saberes teóricos e práticos. Nesse cenário, o estágio supervisionado emerge como um componente curricular indispensável, pois oferece ao futuro pedagogo a oportunidade de inserir-se no cotidiano escolar, compreender suas dinâmicas e refletir criticamente sobre os desafios e possibilidades da prática docente. Mais do que uma exigência acadêmica, o estágio configura-se como um espaço privilegiado de construção do conhecimento pedagógico, no qual o estudante assume um papel ativo na consolidação de uma educação crítica, inclusiva e transformadora.

Este artigo tem como objetivo relatar e analisar a experiência de estágio supervisionado realizada no Centro Integrado de Ensino Fundamental (CIEF), situado no município de Iporã do Oeste, estado de Santa Catarina. A prática pedagógica foi desenvolvida com uma turma do quinto ano do Ensino Fundamental, no período matutino, sob a orientação do professor regente Vilmar Staud. Durante o período de observação e intervenção, foram acompanhadas e realizadas atividades em diferentes áreas do conhecimento, como Matemática, Língua Portuguesa, Geografia e História. Essa vivência permitiu uma compreensão ampla e contextualizada do processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais, favorecendo a articulação entre teoria e prática e contribuindo significativamente para a formação profissional docente.

Na visão de Miranda (2017) o estágio supervisionado é uma etapa de extrema significância para vida acadêmica do futuro profissional, ao possibilitar ao mesmo vivenciar e dimensionar o espaço escolar, inteirando-se da prática docente e construindo sua identidade profissional, refletindo e si necessário redefinindo sua abordagem pedagógica, na concepção as habilidades, valores, atividades e competências no exercício profissional, por vezes, incerto de serem assimilados apenas no meio acadêmico.

Outro ponto essencial vivenciado durante o estágio supervisionado nos anos iniciais é a possibilidade de refletir sobre a própria prática pedagógica. Ao participar de situações reais de ensino, o licenciando começa a reconhecer suas habilidades, identificar aspectos que podem ser aprimorados e explorar diferentes estratégias de ensino que dialogam com as necessidades dos alunos. Essas experiências favorecem o desenvolvimento da criatividade, da autonomia profissional e da capacidade de tomar decisões conscientes e transformadoras no contexto educacional.

Nesse processo, o futuro pedagogo é constantemente desafiado a articular os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação com as demandas concretas que surgem no cotidiano da sala de aula. Essa articulação permite elaborar propostas pedagógicas mais inovadoras, sensíveis às singularidades dos estudantes e alinhadas com práticas inclusivas e significativas. Ao lidar com essas dimensões, tanto pedagógicas quanto pessoais, o licenciando amplia sua consciência crítica sobre o papel do professor como mediador do conhecimento e agente de transformação social.

A frase de Brites (2023, p.62), “A sala de aula é o palco onde ocorre um dos espetáculos mais fantásticos: o processo de ensino-aprendizagem”, revela poeticamente a riqueza e a complexidade do ambiente escolar. Ao comparar a sala de aula a um palco, a autora destaca que é nesse espaço que se desenrolam cenas únicas e transformadoras, protagonizadas por professores e alunos em constante interação. O “espetáculo” mencionado refere-se à construção do conhecimento, às trocas de saberes, às descobertas e aos desafios que fazem parte da rotina educativa. Cada aula é uma apresentação viva, onde o aprendizado acontece de forma dinâmica, criativa e significativa.

Nesse contexto, o estágio supervisionado nos anos iniciais assume papel fundamental, pois além de favorecer o desenvolvimento de competências pedagógicas, proporciona ao licenciando uma visão mais ampla e contextualizada sobre as responsabilidades do educador. Ao vivenciar o cotidiano escolar, o estudante começa a compreender os desafios que envolvem as relações de ensino, a organização do trabalho pedagógico e a construção de uma prática comprometida com a aprendizagem dos alunos. Assim como num espetáculo, o estagiário aprende a observar, ensaiar, ajustar e atuar com sensibilidade e consciência, preparando-se para assumir o papel de protagonista na formação de novos saberes.

Além disso esse período de formação representa uma etapa significativa na construção da identidade profissional do futuro pedagogo. É por meio da articulação entre teoria e prática que o licenciando desenvolve a capacidade de planejar, mediar e avaliar de forma consciente, alinhando suas ações às demandas da educação contemporânea. O estágio, portanto, não se limita a uma exigência curricular, mas se configura como um espaço formativo essencial, onde o estudante amplia sua

percepção sobre o ambiente escolar e fortalece seu compromisso com uma educação de qualidade.

O estágio supervisionado oferece ao licenciando uma compreensão mais ampla e situada das responsabilidades envolvidas na prática educativa. Por isso, é fundamental reconhecê-lo como uma fase de construção da identidade profissional, funcionando como um primeiro contato direto com os desafios que permeiam as interações pedagógicas e a dinâmica do trabalho docente. Ao integrar teoria e prática, essa vivência contribui para a formação de um pedagogo preparado para responder às exigências da educação contemporânea.

Valorizar essa experiência é reconhecer o papel transformador do estágio na formação de professores mais preparados, sensíveis às necessidades dos alunos e engajados na construção de práticas pedagógicas significativas e inclusivas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE

O estágio supervisionado é essencial para formação do pedagogo, pois, vai muito além domínio teórico que é adquirido na sala de aula, o mesmo estabelece experiências práticas que possibilitam a vivencia do dia a dia escolar, sendo assim um componente indispensável para a construção da identidade do pedagogo. Mais do que uma exigência curricular, o estágio é um lugar de construção ativa do conhecimento pedagógico, permitindo o estudante experimentar, refletir e interagir com vários aspectos da realidade educacional.

No momento que o futuro pedagogo se insere no cotidiano da escola, o mesmo tem a oportunidade de compreender a dinâmica das relações interpessoais, conhecer diferentes tipos de metodologia, identificar as demandas específicas dos alunos e participar dos processos de planejamento e execução das atividades pedagógicas. Além disso, é no espaço escolar que o estudante tem a oportunidade de observar práticas docentes e aplicar seus conhecimentos, desenvolvendo uma visão crítica sobre as possibilidades e desafios da educação. De acordo com Scalabrin (2013, p. 01):

O Estágio Curricular Supervisionado, indispensável na formação de docentes nos cursos de licenciatura é um processo de aprendizagem necessário a um profissional que deseja realmente estar preparado para enfrentar os desafios de uma carreira e deve acontecer durante todo o curso de formação acadêmica, no qual os estudantes são incentivados a conhecerem espaços educativos entrando em contato com a realidade sociocultural da população e da instituição.

Através do estágio, o pedagogo em formação é desafiado a relacionar os saberes teóricos com as demandas reais do cotidiano da sala de aula, sendo chamado a construir estratégias que promovam metodologias de ensino mais dinâmicas, inclusivas e eficazes. Onde, essa articulação entre teoria e prática não ocorre de forma mecânica, mas sim por meio de uma metodologia reflexiva e criativa, no qual o estagiário aprende a observar, interpretar e intervir pedagogicamente, compreendendo as singularidades de cada aluno e os contextos socioculturais em que estão inseridos.

Ao enfrentar os desafios reais da docência, o futuro pedagogo desenvolve a capacidade de adaptar-se às diversas dimensões que envolvem o ato de educar, desde o planejamento e a gestão da aprendizagem até o acolhimento emocional e na construção de vínculos com os alunos. Essa vivência desenvolve sua consciência crítica sobre o papel do educador como mediador do conhecimento, agente de transformação social e promotor de práticas que respeitam a diversidade e estimulam o protagonismo dos estudantes.

Além disso, o contato direto com a realidade escolar favorece o desenvolvimento de competências essenciais à atuação docente, como a capacidade de trabalhar em equipe, dialogar com diferentes saberes e lidar com os desafios que emergem da diversidade presente em sala de aula. O estagiário aprende a valorizar o trabalho colaborativo com outros profissionais da educação, reconhecendo que a prática pedagógica é coletiva e exige constante troca de experiências e saberes. Assim, o estágio não apenas fortalece a formação técnica, mas também promove o amadurecimento pessoal e profissional, preparando o pedagogo para atuar com responsabilidade, sensibilidade e compromisso com a transformação social por meio da educação.

Ao vivenciar os múltiplos aspectos da rotina escolar, o estagiário é convidado a observar criticamente os processos pedagógicos, os desafios da gestão educacional e as dinâmicas que envolvem o ensino-aprendizagem. Essa imersão permite que ele reconheça a complexidade da prática docente, compreendendo que o papel do pedagogo não se limita à sala de aula, mas se estende à construção de ambientes educativos que promovam o desenvolvimento integral dos estudantes. O estágio, portanto, torna-se um espaço privilegiado para exercitar a autonomia, a criatividade e a capacidade de tomada de decisões fundamentadas em princípios éticos e pedagógicos.

“A prática pedagógica exige a articulação entre os diferentes saberes — o saber da experiência, o saber da teoria e o saber da prática. A formação docente precisa superar a separação entre teoria e prática, pois a aprendizagem do ensinar se dá no confronto entre o que se estuda e o que se vive. O estágio é o lugar privilegiado dessa articulação, pois nele o futuro professor tem a oportunidade de transformar a experiência em conhecimento e de refletir sobre sua prática à luz da teoria” (PIMENTA, 2011, p. 72).

Ao integrar-se à realidade escolar, o estagiário também tem a oportunidade de conversar com diversos atores da comunidade educativa como professores, gestores e alunos fortalecendo sua visão sobre o processo educacional. Dessa forma, o estágio supervisionado contribui significativamente para a consolidação de uma prática pedagógica crítica, sensível e alinhada aos princípios de inclusão e respeito à diversidade. É nesse percurso que o estudante deixa de ser apenas um observador e passa a atuar como sujeito ativo na construção de uma educação transformadora, reafirmando seu compromisso com a formação humana e com a valorização do conhecimento como instrumento de emancipação social.

2.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A alfabetização e o letramento são processos fundamentais para a formação do aluno no contexto escolar e social. Apesar de serem conceitos próximos, não significam a mesma coisa, e compreender suas diferenças e relações é de grande importância para a prática pedagógica. Enquanto a alfabetização está totalmente

ligada ao aprendizado da leitura e da escrita, o letramento vai além desse aspecto técnico, voltando-se para o uso social e cultural da língua.

A alfabetização é um processo de apropriação do sistema de escrita, sendo uma etapa de grande importância na trajetória escolar do aluno. Esse processo envolve aprender a reconhecer as letras, seus sons, formar sílabas, palavras e frases, até conseguir ler e escrever de maneira autônoma e funcional. Sendo um momento que o aluno desenvolve habilidades cognitivas fundamentais, como a decodificação (transformar os sinais gráficos em sons) e a codificação (registrar graficamente aquilo que se fala). Essas competências não são apenas mecânicas, mas exigem compreensão, atenção, memória e percepção fonológica, que são construídas pouco a pouco por meio de práticas pedagógicas intencionais e significativas.

“Alfabetizar significa ensinar a ler e a escrever de acordo com um sistema alfabético. Em outros termos, pode ser definido como capacitar um aluno, filho ou paciente para que ele consiga entender a correlação entre letra e som a fim de formar sílabas, palavras, frases e textos” (Brites, 2023, p.15).

Sem o domínio dessas habilidades básicas, a criança encontra dificuldades para avançar nos objetivos mais amplos da leitura e da escrita, como interpretar textos, produzir ideias com clareza ou participar de práticas sociais letradas. Por isso, a alfabetização não deve ser vista como um objetivo isolado, mas como um alicerce para o desenvolvimento do pensamento crítico, da comunicação eficaz e da inserção plena na cultura escrita. Cabe ao educador criar ambientes alfabetizadores ricos, que estimulem a curiosidade, o prazer pela leitura e a valorização da linguagem como instrumento de expressão e construção de conhecimento.

Já o letramento diz respeito ao uso funcional e contextualizado da língua escrita em diferentes situações do cotidiano, indo além do simples domínio técnico da leitura e da escrita. Um aluno letrado não apenas decifra palavras, mas é capaz de atribuir sentido aos textos, interpretar informações, posicionar-se diante de conteúdos diversos e utilizar a linguagem escrita como ferramenta de interação social e construção de conhecimento. Portanto, o letramento envolve a inserção do sujeito em práticas sociais que demandam leitura e escrita, como ler uma receita, escrever um

bilhete, interpretar uma notícia, compreender uma placa ou preencher um formulário, atividades que exigem não apenas saber ler, mas saber ler com propósito.

Nesse contexto, o papel da escola é proporcionar experiências significativas de leitura e escrita que estejam conectadas à realidade dos alunos, respeitando suas vivências, culturas e necessidades comunicativas. O educador, por sua vez, atua como mediador nesse processo, criando situações didáticas que favoreçam o desenvolvimento da competência leitora e escritora em sua dimensão social, crítica e funcional. Ao promover práticas de letramento, o ensino deixa de ser apenas transmissor de códigos e passa a formar sujeitos capazes de participar ativamente da sociedade, compreender o mundo ao seu redor e exercer sua cidadania de forma plena. Assim, alfabetizar letrando é reconhecer que a linguagem escrita é mais do que um conteúdo escolar é uma prática viva, dinâmica e transformadora.

Dessa forma, alfabetização e letramento devem caminhar juntos. Não adianta ensinar apenas o código da língua, sem mostrar sua função social, pois isso levaria a um aprendizado mecânico e descontextualizado. Do mesmo modo, não é possível falar em letramento pleno sem que o indivíduo esteja alfabetizado, já que o domínio do código escrito é o ponto de partida para participar das práticas sociais de leitura e escrita.

“Uma pessoa totalmente alfabetizada tem de ser capaz de identificar, entender, interpretar, criar, comunicar, calcular e usar materiais impressos e escritos associados a contextos variados” (Brites, 2023, p.66).

Na escola, é papel do professor criar situações que integrem esses dois processos. Atividades que envolvam contação de histórias, leitura de diferentes gêneros textuais, produção de textos e exploração do som das palavras, sendo estratégias que favorecem tanto a alfabetização quanto o letramento. O aluno aprende a decifrar as palavras ao mesmo tempo em que percebe o sentido e a utilidade daquilo que lê e escreve.

Em síntese, alfabetizar é ensinar a ler e a escrever, enquanto letrar é permitir que o indivíduo faça uso da leitura e da escrita de forma crítica, funcional e prazerosa. Quando os dois processos são trabalhados de forma integrada, contribuem para a

formação de sujeitos autônomos, capazes de participar ativamente da sociedade e construir seu próprio conhecimento.

2.3 PLANEJAMENTO, MEDIAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

O processo de ensino-aprendizagem é composto por diversas etapas que se complementam e garantem a qualidade do trabalho pedagógico. Entre elas, destacam-se o planejamento, a mediação e a avaliação, elementos fundamentais para que o professor organize sua prática, conduza o desenvolvimento dos alunos e acompanhe seus avanços. Esses três aspectos devem estar interligados, de modo que o planejamento oriente as ações, a mediação favoreça a construção do conhecimento e a avaliação permita verificar e reorientar os resultados.

O planejamento é o ponto de partida do processo educativo, funcionando como uma bússola que orienta as ações do professor em sala de aula. Ele consiste em organizar objetivos de aprendizagem, selecionar conteúdos relevantes, definir estratégias metodológicas e escolher os recursos didáticos que serão utilizados ao longo das aulas. No entanto, planejar vai muito além de montar uma sequência de atividades, trata-se de um exercício reflexivo e intencional, que exige sensibilidade para compreender as necessidades dos alunos, o contexto social e cultural em que estão inseridos, bem como as diretrizes estabelecidas pelos documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

“Planejar é o ato de pensar/refletir para decidir e, então, organizar planos para se pôr em ação na tentativa de alcançar os objetivos propostos por meio de conteúdos e metodologias variadas. Para se verificar o alcance desses objetivos se deve proceder à avaliação com diferentes instrumentos em diferentes níveis, tais como: desempenho dos sujeitos no interior das escolas e ou nas redes de ensino. Destaca-se que o planejamento é importante, pois assim, é possível termos um ponto de partida, um pensar por onde começar, mesmo que nesse planejamento aconteça imprevistos” (Resende, p.5).

Um planejamento bem elaborado considera a diversidade presente no ambiente escolar, respeita os ritmos e estilos de aprendizagem dos estudantes e busca promover experiências significativas que estimulem o pensamento crítico, a

criatividade e a autonomia. Ao planejar, o educador precisa refletir sobre quais aprendizagens deseja promover, como torná-las relevantes para os alunos e de que forma poderá avaliar esse processo de maneira formativa e contínua. Dessa forma, o planejamento deixa de ser uma tarefa burocrática e passa a ser um instrumento de transformação, capaz de conectar teoria e prática, promover inclusão e garantir que o ensino seja realmente voltado para o desenvolvimento integral do sujeito.

Já a mediação corresponde ao papel ativo e intencional do professor durante a prática pedagógica, sendo um dos pilares fundamentais para a construção de aprendizagens significativas. Mediar não significa apenas transmitir conhecimentos de forma expositiva, mas sim criar e conduzir situações de aprendizagem que favoreçam a interação, o questionamento, a experimentação e a construção autônoma do saber por parte dos estudantes. Nesse sentido, o professor deixa de ser o detentor exclusivo do conhecimento e passa a assumir a função de facilitador, alguém que organiza o ambiente, propõe desafios e estimula o pensamento crítico.

“Para a mediação acontecer o professor deve ser habilidoso, nunca trabalhar de forma autoritária ou por obrigação. Ele tem que valorizar seu aluno, a cultura e sociedade que ele vive e os seus saberes, promovendo estímulos para ficar bem claro onde serão capazes de chegar com a aprendizagem que irão adquirir” (Coelho; Silva; Lopes, p.11).

A mediação também envolve escuta sensível, empatia e capacidade de adaptação. O professor precisa estar atento às manifestações dos alunos, às dificuldades que surgem e às potencialidades que se revelam ao longo do processo. Mediar é, portanto, um ato de presença e compromisso com a aprendizagem, que exige constante reflexão sobre a prática, abertura para o novo e disposição para construir saberes em conjunto. Quando bem exercida, a mediação transforma a sala de aula em um espaço vivo de trocas, descobertas e crescimento mútuo.

A avaliação, por sua vez, representa um momento essencial de acompanhamento, análise e reflexão sobre os resultados do processo de ensino-aprendizagem. Longe de se restringir a provas, testes ou atribuição de notas, ela deve ser concebida como um processo contínuo, dinâmico e integrado à prática pedagógica. Nesse sentido, a avaliação assume múltiplas funções: diagnóstica, ao identificar os conhecimentos prévios e as dificuldades dos alunos; formativa, ao

oferecer feedback constante e orientar o percurso de aprendizagem; e somativa, ao consolidar os resultados obtidos ao final de um ciclo.

“A avaliação faz parte de todo o processo de aprendizagem, estando contida nas tarefas, nas observações, nas práticas, ajudando a localizar dificuldades e potencialidades, redirecionando as trajetórias do aprender, quebrando as barreiras do fracasso e dando prosseguimento a uma caminhada de sucesso. [...] A avaliação além de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem deve instruir os estudantes para que eles desenvolvam atividades mais complexas e despertem seu pensamento crítico reflexivo” (Resende, p.7).

Inspirada em abordagens contemporâneas da educação, a avaliação deve ser centrada no aluno e voltada para o desenvolvimento de competências e habilidades, conforme previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Avaliar é compreender como o aluno aprende, reconhecendo tanto os progressos individuais quanto coletivos, respeitando os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. Mais do que medir resultados, a avaliação deve promover o engajamento dos estudantes, estimular a autorreflexão e favorecer a construção de saberes significativos.

Para o professor, a avaliação é uma ferramenta estratégica que fornece subsídios para o replanejamento das ações pedagógicas, permitindo ajustar metodologias, conteúdos e abordagens conforme as necessidades identificadas. Ao adotar práticas avaliativas diversificadas como observações, registros, portfólios, autoavaliações e rodas de conversa, o educador amplia sua compreensão sobre o processo de aprendizagem e fortalece sua atuação como mediador. Assim, a avaliação deixa de ser um fim em si mesma e se transforma em um poderoso instrumento de transformação, capaz de promover uma educação mais justa, inclusiva e eficaz.

É importante destacar que planejamento, mediação e avaliação formam um ciclo. O planejamento orienta a prática, a mediação dá vida às propostas planejadas e a avaliação oferece informações que retroalimentam o planejamento, garantindo a coerência entre teoria e prática. Dessa forma, o ensino não se torna uma ação improvisada, mas sim um processo sistemático e intencional, capaz de promover aprendizagens significativas.

Em síntese, o sucesso do processo de ensino-aprendizagem depende da articulação entre esses três elementos. Um planejamento consistente, aliado a uma

mediação dinâmica e a uma avaliação reflexiva, possibilita que o professor cumpra seu papel de guia e orientador, formando estudantes críticos, participativos e capazes de interagir com o mundo de maneira consciente. Portanto, planejar, mediar e avaliar não são etapas isoladas, mas dimensões complementares de uma prática pedagógica comprometida com a formação integral dos alunos.

2.4 METODOLOGIA DE ENSINO APRENDIZAGEM

A metodologia de ensino-aprendizagem é um dos aspectos centrais da prática pedagógica, pois define o caminho pelo qual os conteúdos são transmitidos, explorados e apropriados pelos alunos. Mais do que técnicas de ensino, a metodologia envolve concepções de educação, de sociedade e de sujeito, orientando o modo como o professor organiza sua prática e como o estudante participa ativamente do processo educativo. Assim, pensar metodologias é refletir sobre como tornar a aprendizagem significativa e contextualizada.

As metodologias tradicionais de ensino foram, por muito tempo, centradas no professor, que assumia o papel de transmissor do conhecimento. Nesse modelo, o aluno era visto como receptor passivo, responsável por memorizar e reproduzir informações. Embora ainda utilizadas em alguns contextos, essas práticas apresentam limitações diante das necessidades atuais, já que não estimulam plenamente a autonomia, a criticidade e a criatividade dos estudantes.

Em contrapartida, as metodologias ativas vêm ganhando espaço como alternativas inovadoras. Nesse enfoque, o aluno ocupa o papel central no processo de aprendizagem, participando de forma mais autônoma e responsável. Estratégias como projetos, estudos de caso, sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas (ABP) e jogos educativos permitem que o estudante se torne protagonista, construindo conhecimentos a partir da interação, da pesquisa e da resolução de situações reais.

Outro aspecto relevante das metodologias de ensino-aprendizagem é a mediação docente. O professor deixa de ser apenas transmissor e passa a atuar como orientador, facilitador e incentivador da aprendizagem. Isso implica criar situações de ensino que despertem o interesse, favoreçam a participação e respeitem os diferentes

ritmos e estilos de aprendizagem dos alunos. Dessa forma, a sala de aula se torna um espaço dinâmico, de diálogo e de construção coletiva do saber.

Além disso, a escolha da metodologia deve considerar o contexto social e cultural dos alunos. Não existe uma fórmula única ou método ideal para todas as situações; cada turma apresenta características próprias, exigindo adaptações e combinações metodológicas. Por isso, o professor precisa ser flexível e reflexivo, avaliando constantemente quais estratégias são mais eficazes para alcançar os objetivos educacionais.

Em síntese, a metodologia de ensino-aprendizagem é a ponte que conecta o conteúdo escolar à realidade do aluno. Quando bem planejada, possibilita que o estudante aprenda de forma significativa, desenvolvendo competências cognitivas, sociais e emocionais. Assim, a prática pedagógica deixa de ser uma simples transmissão de informações e se transforma em um processo vivo, capaz de formar sujeitos críticos, criativos e preparados para os desafios da sociedade contemporânea.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar esta etapa do estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental representa um momento de reflexão profunda sobre o percurso formativo vivenciado. Ao longo dessa experiência, foi possível mergulhar na realidade da sala de aula, compreender as dinâmicas do processo de ensino-aprendizagem e acompanhar de perto o desenvolvimento dos alunos em suas múltiplas dimensões. Cada atividade realizada, cada interação e cada desafio enfrentado contribuíram significativamente para minha formação como futura pedagoga.

Esse estágio foi uma oportunidade valiosa para consolidar conhecimentos teóricos por meio da prática cotidiana, revelando o verdadeiro sentido da docência. A convivência com as crianças dos anos iniciais evidenciou a importância da escuta atenta, da mediação pedagógica sensível e do planejamento intencional, sempre voltado para a construção de aprendizagens significativas. Aprendi que ensinar exige dedicação, flexibilidade e empatia, mas também oferece recompensas imensuráveis, como o crescimento mútuo entre quem ensina e de quem aprende.

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

Ao vivenciar essa etapa, percebi que o ato de educar vai além da transmissão de conteúdos: envolve acolher, estimular, orientar e aprender com os alunos. Cada gesto, cada descoberta e cada troca de saberes reforçaram minha escolha profissional e fortaleceram meu compromisso com uma educação transformadora e inclusiva.

Finalizo este estágio com sentimento de gratidão por tudo que foi vivido, pelas aprendizagens construídas e pelas experiências que me tornaram mais preparada para atuar com responsabilidade e paixão na formação das novas gerações. Saio dessa vivência mais consciente do meu papel como educadora nos anos iniciais e motivada a seguir contribuindo para uma escola que valoriza o conhecimento, o respeito e o desenvolvimento integral de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

BRITES, M. **Educação e alfabetização: reflexões contemporâneas**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2023.

COELHO, A.; SILVA, B.; LOPES, C. **Mediação pedagógica e práticas inclusivas**. Belo Horizonte: Editora Universitária, 2020.

Costa, E. (s. d.). **Avaliação Diagnóstica e Formativa: Guia Completo**. Escolas Disruptivas. Disponível em: <https://escolasdisruptivas.com.br/glossario/avaliacao-diagnostica-e-formativa/>

Diagnóstica, A. P. P., & Somativa, F. e. (s. d.). **Manual de Avaliação e Monitoramento**. Gov.br. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/manual_avaliacao_e_monitoramento_PA.pdf

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Hoffmann, J. (s. d.). **Avaliação formativa ou avaliação mediadora?** Windows.net. Disponível em: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2018/08/avaliacao-formativa-ou-avaliacao-mediadora-1.pdf>

MIRANDA, J. **O estágio supervisionado na formação docente**. Curitiba: Editora Educacional, 2017.

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

MIRANDA, P. R. M.; MENEGUETTI, D. U. O.; KALHIL, J. B. **Estágio Curricular Supervisionado e o ensino de Ciências: a formação inicial em questão.** South American Journal of Basic Education, Technical and Technological , v. 4, n. 1, 17 Jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/1251>.

PERRENOUD, P. **Construir competências desde a escola.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática.** São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática.** São Paulo: Cortez, 2011.

Plano de aula segundo Vygotsky. (s. d.). **Planejamentos de Aula - BNCC.** Disponível em: <https://planejamentosdeaula.com/glossario/plano-de-aula-segundo-vygotsky-linguagem-aprendizagem/>

Resende, K. A., & Salvino, O. : F. (s. d.). **Planejamento e avaliação dos processos de ensino e aprendizagem.** Com.br. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA2_ID9390_10092018115108.pdf

RESENDE, R. **Planejamento e avaliação no processo de ensino-aprendizagem.** Brasília: MEC, 2019.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana M. Corder. **A importância da prática do Estágio Supervisionado nas licenciaturas.** UNAR – Revista Científica do Centro Universitário de Araras “Dr. Edmundo Ulson”, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: < <http://revistaunar.com.br/cientifica/volumes-publicados/volume-7-no1-2013> >.

SCALABRIN, R. **Estágio curricular supervisionado: fundamentos e práticas.** Florianópolis: UFSC, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Vygotsky. **O conceito de aprendizagem mediada.** (s. d.). Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/274/vygotsky-e-o-conceito-de-aprendizagem-mediada>